

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D' AVEIRO: anno (30 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.
 BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

A REVOLUÇÃO

O movimento revolucionario, que n'este instante agita com ardor a velha Europa, é indício necessario d'uma grande transformação politica e social, prestes a realizar-se. O radicalismo, tanto tempo abafado sob a pressão despotica dos altivos conservadores, creou forças aos auxiliares poderosos que lhe trouxe a moderna sciencia positivista e economica, e ameaça destruir definitivamente as velhas crenças monarchicas e catholicas.

Ao romantismo sentimental e piegas dos antigos radicaes de 1848, que sacrificavam as necessidades da politica a um mal entendido respeito pelas formulas avançadas, succedeu um espirito pratico de combate que se aproveitava habilmente da já um pouco adeantada illustração popular para descarregar golpes successivos, sem intermitencias, na desorganisação geral do mundo europeu.

A revolução, não a evolução que é um puro auxiliar d'aquella, refundirá, talvez ainda no seculo XIX, completamente a pòdre sociedade do velho continente, amoldando-a a novas formas e dando-lhe novas bases.

Eu disse que só a revolução poderá conseguir essa obra monumental de regeneração humanitaria, e disse-o conscientemente. De facto, o que representa a evolução? Um poderoso meio educativo, nada mais. E' em nome d'ella que escrevo estas linhas, que outros escrevem as theorias republicanas que me dominam, que as propagamos pelo livro, pela conferencia, pelo comicio. Mas que só isso consiga mudar a forma politica que nos rege, é uma utopia lamentavel que avassala certos cerebros alliaz illustrados, porem fracos em demasia.

Sim, eu rio-me com tristeza quando encontro republicanos convencidissimos de que havemos de matar a torpe monarchia portugueza por meios brandos e pacificos, sem uma agitação, sem um barulho, sem um motim, sem «un tour de force». Porque quem assim pensa, desconhece profundamente o meio em que vive. Pois então não combatemos nós, em guerra activa, no meio d'um tiroteio vivo, a reacção religiosa do paiz, a falta de respeito á lei, o esbanjamento dos dinheiros publicos, o desprezo das nossas regalias, o desconhecimento absoluto dos nossos direitos? E como é possi-

vel acabar suavemente com o regimen politico que tal permite? Isso é ignorar de todo, que as alterações politicas por meio da evolução comprehendem sempre uma sociedade altamente desenvolvida, a que se permitem os meios de obrar livremente.

Ninguem é mais amigo da paz do que eu; aprecio-a, quero-a e estimo-a; porem não a posso admitir n'este paiz como meio final de resolução politica e se assim fallo abertamente é para que se destruam certos preconceitos, que nos estão fazendo um verdadeiro mal.

Não sejamos soffregos; esperemos tranquillamente evoluindo com vivacidade, o momento d'investir com a monarchia; mas lembremo-nos desde já de que temos d'empregar a força n'esse dia e preparemo-nos para tanto, porque não é com dois pontapés que obteremos o nosso fim.

Eu não posso reivindicar pacificamente todos os meus direitos, em troca de todos os meus deveres, n'um paiz onde o favoritismo é norma geral do Estado, onde me sophismam, me adulteram, me contestam o voto e onde um arrobas qualquer me manda espancar pelos seus agentes officiaes se eu não tiro o chapéu quando passa um senhor dos Passos muito gebo, que envergonha a propria religião, ou assobio baixinho a marseleza. Quem nos impelle aos meios extremos é a monarchia, que se julga fundada n'uns direitos ratões para se impor a mim e aos meus filhos e aos meus netos, como já se impoz a meu pae.

Ora como eu não quero isso, como não quero prender a minha vontade á de meu pae, nem a de meus filhos á minha, exijo uma forma de governo tal que me permita sem abalos alteral-a ou deixar de a alterar, d'acordo com os meus concidadãos. Essa forma de governo é a Republica, que infelizmente não posso obter sem sacrificio grande. Ella e só ella permite as modificações governativas por meio da evolução.

Se queremos maior convencimento d'isso, examinemos a correr o que se passa na Europa.

Comecemos pela Inglaterra. A Inglaterra, na opinião dos realistas portuguezes, é o paiz classico da liberdade. Muito bem. Ora n'esse «paiz classico da liberdade» estão-se praticando n'este momento os maiores attentados, que eu conheço, contra a liberdade.

Não quero fallar já das infamias e torpezas praticadas contra os irlandezes, tristes victimas do sordido egoismo da Gran Bretanha, nem da alta aristocracia feudal

dos lords, o sufficiente tudo para condemnar abertamente o regimen inglez. Bastam-me dois factos—o do jury no processo de Phoenix-Park e o de Bradlangh na camara dos commons. Quando principiou o processo de Phoenix-Parke o juiz recommendou ao jury, escolhido a dedo pela Inglaterra, a maxima severidade para com os reus. O jury fez-lhe a vontade condemnando á morte dois a seguir. Todavia quando chegou ao reu Helly não lhe achou provas bastantes de cumplicidade no crime e absolveu-o. O que fez a Inglaterra, o «paiz classico da liberdade?» Em lugar d'acatar essa decisão do jury, como a acatara e exaltara quando condemnava á morte os outros infelizes, dissolveu-o e fez julgar o reu novamente. O segundo jury ainda absolveu o reu e a Inglaterra novamente o dissolveu. É infame, pois não é? É mesmo proprio do «paiz classico da liberdade,» não é assim?

A questão Bradlangh é outro bello espécimen de liberalismo. Tres vezes os electores de Northampton enviaram á camara como seu representante o honrado o sr. Bradlangh, cujas edéas politicas e religiosas eram as d'alguns milhares de cidadãos, e tres vezes foi expulso por a sua consciencia se revoltar contra «crê» fatal do alcorão evangelico.

Não bastando esse acto insolito para qualificar um parlamento monarchico, acaba a camara dos commons de pôr em perigo a existencia do seu ministerio predilecto, regeitando o «bill» sobre a abolição do juramento religioso. Nem os perigos nacionais da queda do gabinete liberal n'estas circunstancias, nem a eloquencia do sr. Gladstone, que, alliaz, tão descaradamente tem faltado á sua missão democratica, foram capazes de a convencer. É possível fazer alguma cousa por meio da evolução n'um paiz d'aquelles?

É possível conseguir na Allemanha, onde o chanceller e o imperador impõem a sua vontade ao parlamento, uma constituição democratica por meios evolutivos, na Allemanha onde o imperador Guilherme diz aos electos do povo:—Espero que approveis esta ou aquella mensagem—dissolvendo-o uma, duas, tres e quatro vezes no caso d'elle proceder contra os seus desejos?

É possível por meios pacificos o triumpho da soberania popular na Noruega, onde o rei Oscar tres vezes regeita as decisões da camara e encobre com o seu manto esfarrapado os ministros desleaes, que o povo levou ao tribunal?

É possível a tranquillidade

na Italia, onde o rei Humberto para interesses da sua dynastia, esbofetéa o povo unindo-se aos inimigos seculares e encarnicados da patria, aos usurpadores de Trento e Trieste?

E' possível fundar em Hespanha, onde os partidos liberaes monarchicos se esphacelam por as suas aspirações serem incompativeis com as trações bourbonicas, a Republica por meio da evolução?

Não, não é possível. Não acalentemos essas utopias que são um perigo. Os partidos republicanos devem estar fortemente organizados, preparados para o que der e vier. Estejamos unidos, preparados, disciplinados, promptos a receber o inimigo á primeira voz.

Se a nessa chefatura pensasse o mesmo!... Talvez o pense e pelo menos deve-o pensar. Que não descance um momento.

Quem se sacrificou até 50, sacrifica-se até 100.

O conde de Maistre, o celebre conservador, dizia que o homem nasceu mau naturalmente e que precisa portanto de ser chibatado com uma vara de ferro para ter juizo.

Lembreto-nos de que esta maxima é ainda hoje a maxima do conservantismo.

X

O MONUMENTO A JOSÉ ESTEVÃO

Fez no dia 8 do corrente mez um anno, que a nação portugueza se cobria de galas no meio do entusiasmo extraordinario do povo. Pagava n'esse dia uma grande divida, divida de gratidão, de reconhecimento, de justiça e de amor. Solemnizava com o devido esplendor o primeiro centenario d'um homem genial, que logrou por momentos arrancar este paiz das mãos da realza e do jesuitismo elevando-o aos seus esplendores passados, tornando-o respeitado pelos estranhos, desenvolvendo-lhe o commercio e a industria, protegendo a agricultura e iniciando a liberdade com os dois golpes violentos que dirigiu ao coração do jesuitismo e da aristocracia.

Aveiro, a nossa pobre terra que já foi, como a patria toda, tão grande e opulenta quando as suas embarcações sulcavam os mares correndo alterosas e galhardas a levar o seu concurso respeitavel ao commercio e que agora, dominada por uns burguezes sem actividade nem patriotismo, enfeudada a uns politicos de viella que só pensam nos seus interesses proprios, define dia a dia, roçada pelo vento da morte que cahiu sobre este bom paiz, não esqueceu a gloriosa commemoração do passamento do Marquez de Pombal. Entre os actos meritorios que praticou n'esse dia, figura o do lançamento da primeira pedra do monumento que vai elevar ao seu filho immortal, o grande José Estevão.

Aveiro, a terra generosa e liberal, que marchou sempre na vanguarda dos nossos movimentos nacionaes, entendeu que uma das melhores manei-

ras de festejar o dia notavel de 8 de Maio, era principiar a obra illustre que ha de perpetuar aqui a memoria do homem mais honesto, mais valente, mais democrata a que deu berço. Mas, n'este momento ocorre-nos esta pergunta, quando terminará de pagar a divida pesada de que se encarregou? Os fundos em poder da honrada comissão operaria não são bastantes para acabar o monumento a José Estevão, e não falta pouco ainda para os completar. E' preciso, porem, é imprescindivel que Aveiro termine honradamente a tarefa que s'impoz. Não queremos que se diga nunca de nós o que se diz d'aquelles, que lhe venderam a casa em que nascer e até o proprio fato que vestia! O nosso fim, com estas palavras, não é accusar nem censurar a honrada comissão dos artistas. Conheçamos bem os esforços que tem empregado, os sacrificios a que se tem sujeitado e louvamos-lhos. O que pretendemos é incita-la a avançar no caminho a que se lançou, pedir-lhe a ella que não desanime, e a todos os homens serios e patriotas d'esta terra que a ajudem. Seria conveniente que no proximo estio se tentasse qualquer diversão publica ou certamen, cujo producto revertesse em favor do monumento.

Pela nossa parte offerecemos á comissão respectiva todo o nosso auxilio e boa vontade e não lhe regatearemos applausos nem concours que lhe possamos dispensar a bem de tal intento.

Aos liberaes sinceros d'esta terra e á imprensa assiste o dever de ter sempre na memoria o liberalismo, o patriotismo, a honradez e o desprendimento do nosso mais querido conterraneo.

Avante, pois, por elle e por nós. Por elle porque lh'o devemos, por nós porque nos honremos.

BAIRRADA

ASUMPTOS VINICULAS

Não se apresenta bem figurado o anno agricola na Bairrada. As geadas produziram grandes estragos nas vinhas, que como se sabe, constituem a fonte da principal riqueza local. As que, por ventura menos adiantadas na rebentação, foram poupadas aos prejuizos das geadas de março, apresentam-se hoje com uma nascença muito pequena. E para agravar esta situação deveras contristadora para os viticultores da Bairrada, o mez de maio que devera ser ameno e secco, vai frio e chuvoso, não deixando proceder á enxofração das vinhas, cujo aspecto presentemente desconsola a vista. Na verdade faz pena ver os vastos vinhedos d'esta feracissima região completamente amarellecidos e enfiados á falta de calor que os anime e avivente. Não é tarde ainda para a primeira enxofração; no entretanto como remedio preventivo quanto mais cedo se applica, tanto melhor, e se a chuva continuar, terá de ser adiado, o que colloca o fructo das vinhas em circunstancias muito criticas, sujeitos aos assaltos do oidium que costuma desenvolver-se com mais intensidade do meado do mez de maio em diante.

É esta a situação das vinhas. Quanto aos vinhos, o commercio tem estado apathico e os preços baixaram consideravelmente. Houve no principio do anno um grande numero da encommen-

das de vinhos da Bairrada para os mercados de França, e tão grande foi a procura que o vinho, sem cotação favorável logo após a colheita, subiu em janeiro ao preço de 6 e 7 libras por pipa de 570 litros. Muitos lavradores, ignorando as condições dos mercados consumidores, não se contentavam já com estes preços e pediam 8 libras pelo seu vinho. Não tardou, para que apparecesse o lado mau do negocio. Os vinhos comprados por preços altos, attentas as circumstancias do mercado de Bordeaux, principalmente, teem custado a saber das adegas dos lavradores que os venderam em janeiro. As tiradas e demorando-se extraordinariamente e deixando de haver novas encomendas, deram em resultado baixar o preço do genero e os lavradores que em tempo regeitaram 6 e 7 libras sujeitam-se hoje a vender o seu vinho por 4 e 5. Mais uma vez se realisoou o que ha muito pensamos sobre o preço dos vinhos d'esta localidade. Em elles abrindo altos, é contar que essa alta não sustenta pelo anno adiante.

Não é facil, pois, estabelecer hoje um preço determinado para os vinhos da Bairrada em poder dos lavradores; porquanto muitos d'elles o que desejam é ver o genero fóra das adegas e sujeitam-se a preços baixos relativamente aos que se fiseram em janeiro. Os vinhos vendidos então por 27\$000, 30\$000 e 31\$500 estão sendo tirados pelos negociantes, e embora houvesse demora nas tiradas, a diferença do preço compensa bem essa demora.

Installou-se a commissão anti-phyloxérica de vigilancia no concelho de Anadia, e parece que o seu primeiro trabalho será solicitar uma inspecção rigorosa aos vinhedos da Bairrada em todos os tres concelhos d'esta zona vinicola.

Achamos acertadissima e temos por inadiável similhante resolução.

BIOGRAPHIA

CUVIER

(Continuação)

Sempre devotado ao estudo e ao trabalho, o intelligente naturalista reproduzia por meio de admiraveis aguarellas os fosséis e as expecieis vivas que faziam objectos dos seus estudos e meditações. Intimamente ligado por amizade ao sabio Tessier, a quem impressionou pelas suas apfidoes e pela sua erudição, foi por elle recommendado a muitas summidades scientificas e particularmente a Jussieu.

Esta recommendação tocou de tal

Folhetim

A CONFISSÃO

Quando penso no alcance poderoso d'esta pequenina palavra *confissão*, direcção; quando reflecto no seu grande poder o mais completo que ha no mundo; quando tento analysar tudo o que ella contém, confesso que tenho medo. Parece-me que desço pela espiral infinita d'uma mina profunda e tenebrosa... O padre causava-me piedade apenas ha um instante; agora já me causa horror.

Mas não tenho medo; encaremos o facto, que assim é necessario. Ouçamos a linguagem simples do confessor.

«Deus ouve-te, ouve-te pela minha bocca e pela minha bocca te va responder». Eis á letra as primeiras palavras sacramentaes. A autoridade está estabelecida e accete como infinita, absoluta, indiscutível.

«Porem tu tremes, não ousas confiar a esse Deus terrivel as tuas fraquezas, as tuas mocidades... Pois bem! Confia a teu pae; um pae tem o direito de conhecer os segredos de sua filha, um pae indulgente, que só quer saber para perdoar. Elle, que é peccador como tu, pôde por ventura ser severo? Vem cá, pois, minha filha, e falla. Diz-me aqui ao ouvido o que não tiveste a coragem de dizer a tua mãe; oh! eu te juro que nunca ninguém o saberá!»

Então, então, entre suspiros, arquejando o seio, no meio d'um tremor convulso, subiu aos labios a palavra fatal, que o padre recebeu. Ah! esse homem que ouvia não a esquecerá jamais, guarda-la ha como arma terrivel, que lhe dá uma vantagem immensa. Deus queira que nunca abuse d'ella!... Não foi a madeira, lembrae-vos d'isso, o negro carvalho do velho confessorario que a ouviu; foi um homem do carne e osso.

modo Geoffroy Saint Hilaire que o levou a pedir a Cuvier que viesse para Paris, o que se realisoou em 1794, agredando-se a Daubenton e a Lacepede na secção de zoologia.

Na grande capital brevemente a celebridade se apossou d'este homem de genio. Os seus cursos e conferencias nas escolas, collegios e museus deram-lhe tantos admiradores e discipulos doces quantos foram os seus ouvintes, que eram numerosos. Eguualmente erudito, didatico e eloquente prendia o auditorio pela forma e pelo fundo.

Tambem os cargos e as honras não se fizeram esperar. E assim as funcções d'inspector geral da Universidade, de secretario perpetuo da Academia das sciencias, de conselheiro da Universidade, que eram sufficiente para absorver um espirito menos de vulgar, vieram juntar-se dignidades d'ordem bem diferente. Nomeado referendario em 1819, presidente da secção do interior no conselho de estado em 1824, reitor da Universidade em 1827, foi ainda feito par da França em 1831. Pertencia ainda ao Instituto e a todas as academias do mundo, cujos membros, de pontos os mais afastados, lhe submetiam todos os dias as suas observações e as suas descobertas consultando-o como a mestre dos mestres.

Para se desempenhar dos seus grandes e multiplicados trabalhos valia-se d'uma severa economia que fazia do tempo e da qualidade altamente methodica do seu espirito, que ia até ao ponto d'executar cada genero de trabalho em gabinete especial onde se encontravam livros e os mais instrumentos a isso apropriados. Sempre em actividade, até dentro dos carros de viagem este homem prodigioso tomava notas, orientava trabalhos e dava largas ao seu espirito investigador e inquieto, servindo-se frequentemente da mão esquerda como escrevaninha. Nas reuniões publicas parecia sempre distraido e de facto o estava; mas exquirita distracção ou antes exquisito caracter — interrogado abruptamente proferia um voto ou opinião com perfeito conhecimento de cauza.

Volvamos, porem, ao sabio e ao seu principal titulo de gloria: — as indagações laboriosas e as descobertas importantissimas que nos vieram patentear a historia curiosa, e tantas vezes falsificada d'este pobre planeta que tivemos por sorte habitar. Cuvier ensinou aos naturalistas uma lingua desconhecida, ajudou-os a soletrar nas paginas d'um livro até ahi ignorado.

Um dia o grande centro da nossa vida planetaria, o sol, arrojou de si um jacto de materia ignea, incandescente, que saudosa da sua nobre origem retomou a certa distancia um regula-

risimo movimento curvillnio, parecendo comprazer-se n'uma homenagem constante ao seu creador o astro-rei. Esta massa vaporosa ignea tomou ao principio a forma espherica e experimentando o effeito da força centrifuga, em resultado do movimento de rotação, se achatou em sentidos oppostos tornando-se expheroidal. O resfriamento obrigou a condensar esta massa em liquido, depois em solido, diminuindo consequentemente o volume total. Muito tempo se manteve no globo este estado tumultuoso; mas quando a crôsta solida pôde sentir por um certo tempo ás grandes forças interiores que sobre ella actuaram julgou-se dado o primeiro passo para a habitabilidade do globo, sobre o qual começaram então a cair aquelles corpos mais volateis que não tinham sido condensados. Cabiram as chuvas torrencias e formaram-se os mares.

(Continua.)

Eduardo Arvins.

CARTAS

Lisboa, 11 de maio.

Não ha novidades. E' enorme a pasmaceira em que vivemos por aqui. A questão do Congo já não preocupa ninguém. Não o dizia eu? Muito barulho, muita folia, muito patriotismo, depois... o silencio dos mortos. O entusiasmo pelo major Quillinan tambem passou, e, infelizmente, accentuam-se cada vez mais os boatos desagradaveis que correm sobre aquelle official. Para que se arremessaram a delirios precoces?

Maldito defeito d'este povo. Tem um caracter tão impressionavel, que se deixa arrastar logo apoz á primeira impressão. Pois seria bem bom que reflectisse mais e trabalhasse mais. Isto de barulhos e palavriados sem obras, de nada vale.

—A familia dos Braganças parte para Madrid por estes dias. A familia dos Braganças não digo bem, deveria dizer — suas magestades. O pequeno mais velho fica cá para... nos governar!!! Que bambochata esta tão ridicula!

Para nos governar! E' que vos parece? Eis ahi mais um argumento fortissimo em favor dos republicanos. Sim, porque eu sempre quero que os senhores realistas me digam se acham digno, regular, bom, bonito que um creançola sem talento, sem instrucção, sem pratica do mundo, sem serviços, sem cousa alguma recommendavel, dirija os destinos supremos de cinco milhões de pessoas. Onde viram os senhores isso n'uma Republica? Citem-me, se

são capazes, um presidente d'um Estado republicano que não seja um grande talento, um homem carregado de serviços prestados á sua patria e á civilização, e bastante experimentado nas lides politicas.

Não me digam que é provisoriamente que o pequeno fica á testa dos negocios publicos. Isso não, porque se o pae hoje morresse elle seria proclamado rei. Demais quem serve para uma cousa provisoriamente, tambem serve para ella effectivamente.

Não me digam ainda que de nada vale a sua pouca idade e a sua pouca experiencia, porque não é elle que governa. Pois então se é um fantoche, isso só demonstra a vossa insensatez, o abuso da vossa politica, o vosso servilismo.

Que attente o povo n'este facto. Repare na politica sã, franca, desassombrada, leal das republicas onde o chefe do Estado tem a responsabilidade das suas acções, onde o povo escolhe livremente para tão alto cargo um cidadão honesto, patriota e talentoso que é obrigado a dar-lhe satisfações do modo como cumpre a missão que lhe impoz, e compare-a com a horracheira monarchica onde o rei é irresponsavel, onde até os ministros são irresponsaveis, onde tudo é irresponsavel, portanto onde tudo pode calcar a lei, sophismar o direito, esbanjar, roubar, o diabo a quatro.

Olhe, olhe bem para isso e attente n'esta pouca vergonha monarchica que colloca no throno um creançola, que nem exame d'instrucção primaria tem, que faz do chefe do Estado uma capa com que se escondem os autores de todas as irregularidades.

Corra a historia dos monarchas da casa de Bragança e veja se um d'elles sequer é capaz de chegar aos calcanhares de Whasington, d'um Lincoln, de um Grant, d'um Thiers, d'um Grevy ou de qualquer dos presidentes da rica e opulenta federação Helvetica. Ah! O nosso mal é elle não saber bem isto, porque a monarchia tem o cuidado de o não instruir convenientemente. Ella sabe perfeitamente que tem de fazer as malas quando elle tiver a instrucção bastante.

—No dia 15 ha parada militar. O pequeno presta n'esse dia juramento. Que diabo irá elle jurar? Não sei. O que sei é que por causa de sua alteza serão incommodados alguns milhares de homens. Ora que tome conta e que se não faça ao menos massador, porque as sympathias que tem nas casernas não são nenhuma. Posso-l'ho affiançar.

—Diz-se que o principe real vae viajar quando chegar o papá. Tambem se diz que vae frequentar uma Universidade estrangeira. A este respeito vinha hontem o Antonio Maria magnifico. Assim é que é, dizia elle, primeiro reinar e depois estudar.

E' boa! Realmente reinar primeiro e estudar depois, só das cabeças sorvadas é que pode sair.

Porem aqui ha um facto d'alguia importancia. O filho mais velho do rei vae-nos envergonhar com certeza se um favor realengo especial lhe permitir entrar n'uma Universidade estrangeira. Elle não sabena e depois segundo as más linguas, não é nenhum fura paredes. *Valha-nos Deus!* E que patrioteiros que são aquelles Braganças! Então não teem alli a Universidade de Coimbra, tão boa como qualquer dos estrangeiros? Se querem que o rapaz tenha a honra de pisar os degraus d'uma Universidade, porque o não mandam para Coimbra? Para que não de mandigar favores lá fora, (o príncipe só por grande merec frequentará uma escola estrangeira, porque lhe faltam as habitações precisas,) e dar a entender aos estranhos que não ha em Portugal estabelecimento d'instrucção superior? Esta realza ha de nos andar sempre a envergonhar!

—Realisoou-se no domingo passado no Club Henriques Nogueira uma conferencia sobre a educação da mulher. Foi conferente o sr. Consygheri Pedroso que fallou muito bem, sendo extraordinariamente applaudido.

A concorrência era enorme.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes, que se acham em debito, a fineza de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, para o bom andamento da administração d'este jornal.

Os principaes generos alimenticios correm no nosso mercado pelos seguintes preços:

Feijão laranjaireo.....	20 litros	1:120
« branco.....	«	820
« mestura.....	«	760
« manteiga.....	«	960
« frade.....	«	680
« caraca.....	«	940
Trigo gallego.....	«	980
« Tremez.....	«	740
Milho branco.....	«	730
Dito amarello.....	«	710

O nosso folhetim é producção d'um dos maiores genios que o mundo tem visto. O clero poderia gritar contra nós, se o escrevessemos, chamando-nos nomes feios mas que dirá elle de Michelet, esse e grande talento, esse grande espirito?

mento dos filhos, o testamento que se projecta ect., etc?

O confessor é obrigado ao segredo, calasse ou deveria calar-se. O director não tem essa obrigação. Pode revelar o que sabe, sobre tudo a um padre, a outro director. Supponhamos vinte padres n'uma casa, (ou um pouco menos por respeito á lei d'associação), que sejam uns confessores, outros directores das mesmas pessoas; como directores, podem trocar o que sabem, pôr em commum á mesma mesa mil ou duas mil consciencias, combinar-lhe as relações, como as peças d'um jogo de xadrez, regular-lhe antecipadamente os movimentos, os interesses e distribuir a si proprios os papeis que devem desempenhar para conduzir o todo ao fim que lhes convem.

Assim trabalhavam os jesuitas reunidos n'outro tempo. Os chefes do clero ainda empregam hoje este jogo villão. Comunicando todos com todos, resultaria dos segredos revelados uma vasta e mysteriosa sciencia, com que se armaria a policia ecclesiastica em vezes mais forte então do que a do Estado.

O que a confissão dos amos não revelasse, revela-la-hia a dos creados. A associação das Blandines de Lyon, imitada na Bretanha, em Paris e, em outras partes. Bastará só para pôr a nu o interior das familias. Conhecem-na perfeitamente, mas nem por isso deixam de a utilisar; são doces e amaveis, servem muito bem os seus amos, sabem ver e escutar. Feliz pae de familia, que tem tal mulher, tão virtuosa, taes creados, amaveis, honestos, piedosos... Elle conseguiu possuir involuntariamente aquella casa de vidro que um individuo da antiguidade desejava ter, para que todos o vissem á vontade. Nem uma palavra d'elle se perde. Quanto mais baixo elle fallar, mais escutou o ouvido penetrante. Escrevem os seus pensamentos recôditos, não ousando revela-los a ninguém; porem elles foram lidos, por quem? Ignora-se.

No dia seguinte fica surpreso e espantado ao ouvir contar na rua as conversas que teve de noute com travesseiro.

J. Michelet.

tro. Já se pode dar por feliz o marido se, vindo do coração, conserva a posse da parte involuntaria, inerte e morta. É tão triste e humilhante obter um poucozinho d'aquillo, que vos pertenceu, só por tolerancia e indulgencia, ser seguido na intimidade mais intima por uma testemunha invisivel que vos dirige, encontrar na rua um homem que conhece melhor do que vós as vossas fraquezas secretas, que vos sauda humildemente e que se affasta a sorrir-se.

De que vale ser poderoso, não se tendo o poder todo na mão? E' por isso que o padre trabalha com perseverança em isolar a mulher, em lhe enfraquecer os laços de familia, em minar sobre tudo a autoridade rival do marido. O marido incommoda o padre em excesso. Se aquelle sofre muito por ser espiado, conhecido, visto no seu isolamento, este ainda sofre mais. Ella vem dizer-lhe a cada instante innocentemente cousas que lhe transtornam a cabeça. Muitas vezes dá-lhe vontade de exclamar: — *Perdão, minha senhora, é demais.* Mas ainda que estas particularidades o incommodem deveras ha lá dentro o quer que é que lhe pede a continuação, que exige á mulher que vá descendo n'essas revelações, humilhantes para ella e cruéis para elle, até ás mais tristes circumstancias.

O confessor d'uma rapariga pode-se affontamente definir o envejo do marido e o seu inimigo secreto. Se algum faz excepção a esta regra geral (e quero crer que os haja) é um heroe, um martyr, um homem acima do homem.

O trabalho do confessor reduz-se todo a isolar a mulher, e elle pratica-o de consciencia. Para esse guia na estrada da salvação é um dever liberta-la a pouco e pouco dos laços que a prendem no mundo. Para isso é preciso tempo, trabalho, paciencia. Não se quebram tão duras cadeas com um golpe só; é necessario descobrir-lhe os fios e lima-os um por um.

Gasta-os e lima-os á sua vontade aquelle que dia a dia desperta novos escrúpulos, inquieta uma alma tímida sobre a legitimida-

A companhia do Príncipe Real do Porto, de que é director o sr. A. Garraio deu hontem um espectáculo no theatro Aveirense, com a zarzuela *O segredo d'uma dama*. Agradou geralmente, o que não admira, porque o sr. Garraio deseja corresponder ás sympathias que tem grangeado n'esta cidade.

Hoje haverá outro espectáculo. Espera-se grande concorrência, porque a peça é convidativa.

A Associação Aveirense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas continua a permanecer só com um medico, quando os seus estatutos mandam que não deve ter menos de dois.

Os socios é que soffrem com isto, e deveros; mas é bem feito por que quando se trata de eleger uma direcção para a Associação não procura votar em quem trate com zelo os interesses della, mas sim n'aquelles por quem lhes pede o sr. Fulano ou o sr. Sicrano, sendo sempre qualquer d'estes ou empregado da associação ou aspirante a isso.

Para nós é ponto de fé que a actual direcção assumiu aquelle cargo só e exclusivamente para proteger a entrada do medico, seu afilhado, pois havia mais que um pretendente. Conseguiu o que desejava. O medico foi nomeado, mas poucos dias depois despediu-se porque lhe appareceu conveniencia melhor.

Os que lhe disputavam o lugar, despeitados pela preferencia que lhe deram não quizeram depois aceitar o cargo da direcção, e quem ficou prejudicado foi a Associação porque não encontra agora medico nas condições vantajosas em que o podia ter.

Da Direcção nada mais ha a esperar. Conseguiu introduzir o medico que protegia, mas como elle se despediu, a Associação que se arranje que ella nada tem com isso, e na nossa opinião, os associados nada de que se queixam porque já sabiam para que a dirigiam.

Continue, pois, a eleger as direcções que lhes forem apontadas pelos empregados da Associação ou por aquelles que o queriam ser e depois queixam-se contra si proprios.

Lembramos á camara municipal se digne ordenar, que sejam reparados os estragos feitos no mosaico dos passeios da rua de José Estevam, o que é de urgente necessidade, attendendo a que os individuos a quem competia fazer taes reparos, nenhum cazo têm feito, até hoje, de mandar concertar os damnos que fizeram nos referidos passeios.

Esperamos ser attendidos visto ser justo o nosso pedido.

Diz-se que brevemente botará viajata pela Europa o imperador do Brazil. Recomendamos aos donos dos hotéis a maior cautela com este sujeito. Isto cá por... coizas! Percebem?

Cuidado e alerta.

Nos tribunaes de Paris correu um pleito, no qual Mad. Permaud pretendia e obteve a nullidade de um dos seus matrimonios, pois que logrou casar duas vezes, tendo ambos os maridos vivos. São curiosas as peripécias.

O heroe, ou antes, a victima d'esta aventura, foi um joven tintureiro, que adquiriu honradamente com a sua industria uma pequena fortuna, graças a uma viagem que elle fez á America do Norte.

Em Nova Orleans (Estados Unidos) travou relações com uma franceza Reina-Eloisa Vasques, casada em França com um sr. Edetvallée, francez tambem.

Para se separar do marido que havia deixado em França, aquella mulher requereu divorcio, formalidade que segundo parece, se realisa na America facilmente. Uma vez divorciada, a sr.^a Edetvallée cazou em 17 de abril de 1848, perante a respectiva auctoridade, em Nova Orleans, com o sr. Perinaud, nascendo d'este matrimonio dois filhos.

Depois de fazer uma fortuna, os esposos, que não se esqueciam da sua patria, resolveram regressar á Europa

e estabelecer-se em França. Realisaram o seu projecto, mas apenas chegados a Paris, viram-se acometidos pelos inconvenientes e dissabores da sua falsa posição. Edetvallée, o primeiro marido ameaçou levá-los ao tribunal, apresentando contra elles uma denuncia de adulterio. Perinaud e sua mulher, para evitar as consequências d'isto, volveram á America, onde se fizeram subditos norte-americanos.

Depois da sua naturalisação, os esposos Perinaud regressavam á França, onde novas difficuldades os aguardavam, e como a vida matrimonial se tornava assim insupportavel, a sr.^a Edetvallée ou Pinaud abandonou o domicilio conjugal, levando consigo uma grande parte da fortuna de seu segundo marido.

N'estas circumstancias, este ultimo recorreu para os tribunaes, pretendendo validar o seu matrimonio, e a primeira instancia do tribunal do Sena acaba de tratar d'este extranho caso de bigamia.

O advogado de Edetvallée sustentou que o matrimonio contraído em Nova Orleans e em abril de 1848, não pôde ser válido, por que se celebrou antes da dissolução do primeiro, e que o pretendido divorcio que se disse obteve a mulher em Neva Orleans, não tinha outro fim senão burlar as leis francezas, que proclamam a indissolubilidade do matrimonio.

O divorcio em taes condições não pôde impedir a existencia do primeiro matrimonio, como tem succedido alguma vez que em casos parecidos se tem seguido essa jurisprudencia.

A sr.^a Edetvallée ou Perinaud não se fez representar, e o tribunal determinou que o matrimonio contraído por essa mulher com Perinaud em Nova Orleans em 1848, é perfeitamente nullo e sem nenhum effeito.

A fome já faz sentir os seus effeitos aterradores em Monsão, Manteigas, Gouveia, Faro, Traz-os-Montes e provincia do Douro. Mas o sr. D. Luiz vai viajar, o que prova que nem todos tem fome no paiz. Acontece o que sempre aconteceu sob o regimen monarchico: o povo trabalha, passa fome e miseria, e o rei passeia, folga e divertem-se esbanjando o suor d'esse mesmo povo.

Até quando se prolongará este estado de coizas?!

Um jornal de Manaos, capital da provincia do Amazonas, no Brazil, conta o seguinte:

«Um crime horroroso acaba de se praticar na povoação de Ayrão, no Rio Negro.

Uma mulher de nome Raymunda Maria Soares, matou um filho menor, Claudino Rebello Soares—afogando-o!

Não havendo no logar do delicto auctoridade policial, a qual reside em Tauapessassú, sede d'este districto, algumas pessoas examinaram o cadaver do menor e lavraram o competente auto de corpo de delicto.

Interrogadas diversas testemunhas sobre o facto, referiram que chegando a creança da escola publica, onde se achava matriculada, sua mãe a conduziu á beira do rio e ali com um grosso cipó a sequeitou por todo o corpo, terminando o seu acto de inqualificavel barbaridade em agarrar o seu innocente filhinho e afogá-lo.

Após o horroroso crime, a assassina conduziu o cadaver de seu filho para casa de Petronilho da Costa Oliveira onde lhe foi perguntado qual o motivo que a levára a praticar semelhante barbaridade.

A sua unica resposta foi dizer—que matara seu filho porque se dava ao vicio de comer terra!

Morreu um tio do nosso estimavel amigo, o sr. dr. Alves da Veiga, pelo que lhe damos sentidos pesames.

Na administração do concelho de Santarem registrou-se o nascimento de uma creança do Paul, que o parcho tinha baptisado como filha natural de mulher solteira, pela razão de terem os paes casado civilmente.

O pae da creança já era fallecido, e eis a razão porque o tal padrega as-

sim procedeu, aliás teria o devido correctivo, se acaso elle enviase o filho ao banho da agua lustral.

Acabe-se de uma vez com a comedia dos baptismos!

Fiel ao cumprimento das suas obrigações, e para salvar os seus companheiros de uma morte certa, foi ha pouco victima da explosão, a bordo da canhoneira «Rio Lima», um ajudante de machinista da armada.

A mãe do infeliz, implora acualmente a caridade publica, pois que o filho era o seu unico amparo.

Consta que submettendo ella um requerimento aos poderes competentes, para receber a pensão a que tem direito lhe foi esta denegada.

Excelente estimulo a futuros heroes!

Na camara foi apresentada pelo governo uma proposta fixando o limite da divida fluctuante, em dezembro, em 18:032 contos!

E gritam contra o sr. Fontes! E chamam perdulario, devasso e esbanjador ao governo do dito sr. Fontes! Outro fosse elle que nos tivesse já vendido por junto á Inglaterra, se elle nos quizesse.

Isto ha de ir pouco a pouco, não se apressem.

Por um esquecimento quasi imperdoavel deixamos de dar noticia no nosso numero passado breve appareção de mais um jornal, n'esta cidade. E' a *Locomotiva*, folha de noticias, informações, estatistica, annuncios, horarios e litteratura, tractando com especialidade de assumptos que interessam os viajantes, as companhias e os empregados dos caminhos de ferro. Todas as terças, quintas e sabbados será vendida nos comboys diurnos. Deve o primeiro numero apparecer no dia 15 do corrente.

Será collaborado por notaveis escriptores e promete ter por correspondentes no Porto e em Lisboa, jornalistas de primeira ordem. Custará 20 reis por numero e 200 reis a assignatura mensal.

O director e proprietario da *Locomotiva*, é o nosso presadissimo amigo Carlos Faria, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

O centro legitimista de Braga tem tido amudadas reuniões, dirigidas pelo chefe do jesuitismo do paiz, o padre Senna Freitas.

Que tem os seus homens deliberado, ó Braga fiel? D'esta vez sempre tractam de mandar vir o D. Miguel 2.º? Era bom aproveitar esta ausencia do rei Luiz, por quem o Zé morre de amores, e chapar com o legitimo no throno. E melhor ainda que servisse para o Miguel o tal throno que se anda a fazer para o juramento do presumptivo, que por signal é de pinho vil.

E' já mais que certo que o sr. Fontes não patrocinará o justo pedido dos viticultores do Douro, com respeito á cultura do tabaco n'aquella região.

Custa a crer que não seja attendida essa laboriosa população, que se vê a braços com uma crise medonha. Mas é que não pode deixar de acontecer assim. O sr. Fontes não quer ferir os interesses de alguns seus amigos mais importantes, por isso é de pouca monta que o Douro soffra as tristes consequências do torpo egoismo do Bismark occidental. Os interesses de todo o paiz, são coisa insignificante comparados com os d'um compadre do principe caro.

Encerrou-se no dia 21 do passado o concurso para a cadeira de ensino elementar e complementar de Sever do Vouga.

Na secretaria existiam até esse dia dois requerimentos, que eram do sr. Macedo e Vasconcellos, professor de Pecegueiro e do sr. Silva Amorim, bacharel formado em direito. Por de-

claração do sr. padre Firmino, abade encomendado daquelle freguezia, que bem informado por privar com a camara, sabemos que não havia mais nenhum requerente, á excepção delle requerente que tambem pretendia fundando-se unicamente no seu titulo de padre.

Foi ha tempos demittido o professor de Silva Escuro, do concelho de Sever do Vouga, o sr. padre Ribeiro Cancellia, que recorreu para a Junta Geral do districto.

A Junta suspendeu a resolução da camara; mas o professor demittido, desgostoso, fechou a escola recusando-se a funcionar até que veja a solução definitiva d'este negocio. Entretanto o ensino soffre. Já foram ouvidos o recorrente e a camara e é bem para desejar a abertura da escola.

Ouvimos que o sr. sub-inspector da Feira officiará a camara de Sever do Vouga no sentido de se considerar interino o provimento da cadeira de Cedrim, deste concelho. A camara nomeou ha tempos professor o sr. padre Joaquim. Este está fóra da lei, pois o curso do seminário é claramente entendido profissional e não superior. De mais todo o mundo sabe que o curso secundario do padre é muito particular, e tanto que os exames são feitos no seminário por um jury de nomeação episcopal.

Seria bom que o sr. ministro do reino providenciasse a respeito de ser entregue ás camaras municipaes a parte que elles tem a haver do thesouro central e dos districtos para sustentação da instrucção primaria. S. ex.^a deve saber que alguns municipios são tão pobres que mesmo carregando mais a albarda do Zé povinho com os 15 da lei ainda isto lhes não chega a um terço do caminho. Ora os srs. de Lisboa continuam a comer ao Zé o mesmo, e ainda mais, que antes da lei de maio de 1878. Pois bem, então em respeito á lei e ao decoro ajudem os municipios pobres, por exemplo, o de Sever do Vouga, cujos professores não recebem ordenado vae para cito mezes, e de gratificação nunca receberam um real desde que a actual lei vigora.

Diverte-te, Luiz! E tu Zé burro entoa hosanna ao Cesar!

Custou a insignificancia de quatro contos de réis, o expediente da camara dos pares, no anno passado. O da camara dos deputados, que é muito maior, não chegou a custar um terço d'esta quantia.

E' que na camara hereditaria anda tudo aos pares.

Consta que vae ser nomeado adido militar da legação portugueza em Berlim, o filho do sr. ministro da marinha.

Bazorra amigo, perante nós estás rehabilitado. Tu eras um santo e nós chamemos-te muitos nomes feios. Perdôa Bazorra amigo.

Effectuaram-se ultimamente na Russia, numerosas prisões. Os officiaes de marinha e do corpo de artilheria, foram escolhidos d'esta vez para victimas do odio do czar.

Principiou com os preparativos para a corôação d'aquelle monarcha, *magnum* como todos os outros monarchas, a serie de persiguições que tem levado á prisão mais de 20 mil individuos, muitos dos quaes foram deportados, sem processo nem julgamento, para a Siberia!

Faz bem o czar, massacrando assim o seu paiz. Só com toda a Russia encarcerada poderá elle receber a corôa, em paz e socego.

Que importa, pois, que o povo soffra, enquanto o seu monarcha gosa?

Morreu ha dias queimado, no Monte da Murtoza, um rapaz de 11 annos de idade.

Estando a enxugar ao lume a camisa que tinha vestida, esta incendiou-se. O rapaz deitou a correr gritando por soccorro. Na carreira o ar fez propagar o fogo a toda a camisa, de modo que quando acudiram, o infeliz estava com o corpo cheio de côstras, que pouco depois se converteram em feridas. Manifestou-se logo a gangrena, do que resultou a morte do pequeneno.

A *Independencia*, da Povoia do Varzim, propõe que, em vez do governo fazer presente á Inglaterra do forte de Ajuda, lhe faça presente do palacio de Ajuda.

O *Seculo* diz que na sua opinião, ainda seria preferivel a esse alvitre, o de apresentar a Inglaterra com a remessa para lá de todos os Braganças.

Nós desejavamos que não fossem só os Braganças, mas tambem os *caros*. Assim ficaria a obra mais completa. O que é certo, porem, é que ficamos sem Ajuda. Os Braganças e os *caros*, esses não de continuar a ser o nosso flagello.

Ha quem affirme que após o regresso das magestades, haverá recomposição ministerial, entrando o conde de Rio Maior, famoso jesuita, para uma pasta.

Muito bem!

Depois é que os ronpetas farão o que melhor lhes parecer. Mas não haja susto: os externos tocam-se.

O principe regente vae occupar o paço de Belem, durante a ausencia do papá Ziti. Começaram já as obras e a coisa promete ficar á altura das exigencias principescas.

O povo tem fome, o povo emigra; mas os reis divertem-se esbanjando os dinheiros da nação, uas passcando e outro gosando cá.

O sr. ministro do reino pensa em apresentar ás côrtes uma proposta de lei tendente a reprimir os abusos e arbitrariedades que possam commetter as camaras municipaes, em detrimento dos professores primarios e do ensino.

Isso não ha de passar de letra morta. As camaras são quasi todas compostas de homens que teem a confiança do governo, e que por isso não de fazer sempre o que lhes parecer. Para a repressão de taes abusos não é preciso crear mais leis, basta executar com rigor as que ha.

Poeira nos olhos do Zé, que por mais que façam, já não cre na boa vontade que o governo quer mostrar, pela instrucção popular.

Em Setubal crearam-se tres corpos de fiscalisação, para o imposto do sal. Como é de vêr, a despeza com a tal fiscalisação, ascende a importancia do imposto.

E' assim o sr. Fontes. Cria impostos, não para beneficiar o paiz, ma para accomodar a grey famelica de que elle é digno chefe. E o povo vae soffrendo todos estes abusos, todos estes desaforsos! Se um dia porem, se compenetra de que pôde atirar para longe a albarda!...

ANNUNCIOS

ESCOLA POPULAR

Julio da Conceição abriu com este nome uma escola, em que lecciona instrucção primaria e o primeiro anno do curso dos lyceus. Casa da «Quinta da Apresentação»—Rua das Salineiras—Aveiro.

VIGAS DE RIGA

Na officina de Fernando H. Christo, rua da Alfandega, ha para vender uma boa porção de vigas de Riga de primeira qualidade, proprias para vigamentos; as quaes medem de 5 a 10 metros de comprimento, por 0.^m12 de grossura e de larguras diversas,

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA
COM
OFFICINA DE SERRALHARIA

EM
MADEIRA

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systems, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuso do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em baíra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

**GRANDE
NOVIDADE**



A COMPANHIA FABRIL SINGER

Apresenta desde hoje á venda a sua nova
machina de cozer de

LANÇADEIRA OSCILANTE

É ESTÁ A REVOLUÇÃO MAIS COMPLETA QUE TEM HAVIDO NAS MACHINAS DE COSTURA.

Trabalho sem igual ao de todas as machinas silenciosas e de lançadeira até hoje conhecidas.

As suas grandes vantagens são:

Braço muito elevado.—Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.—Aguilha ajustavel de per si.—Dois mil pontos n'um minuto.—Levissimas no trabalho.—Silenciosas sem equal.—Não precisa encher canellas.—Não precisa enfiar a lançadeira.—Pespointo o mais bello e mais elastico. Todo o seu machinismo ajustavel e com o uso e os annos está a machina sempre perfeita.

GARANTIDA POR DOZE ANNOS

PRIVILEGIO EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS

Para familias; para alfaiates; para sapateiros; para toda a classe de trabalho.

Machinas desde o preço de 8\$000 réis até 130\$000 réis, com os melhoramentos mais modernos e canelleiro automatico.

Todas as pessoas encontrarão no trabalho da machina SINGER FAMILIA de LANÇADEIRA OSCILANTE o que ha de mais perfeito e bem acabado.

Todos os industriaes executarão na machina SINGER industrial de lançadeira oscilante os trabalhos mais delicados e com a maior facilidade, como nunca terão visto.

Aos alfaiates e sapateiros chamamos a sua attenção para esta nova machina de lançadeira oscilante.

EXISTENCIA PERMANENTE NOS ARMAZENS 1:300 MACHINAS
VENDAS A DINHEIRO

com desconto de 10 p. c.

VENDAS A PRESTAÇÕES DE 500 RS. SEMANAES
SEM PRESTAÇÃO DE ENTRADA

ENSINO GRÁTIS

Cuidado com as imitações

Exigir sempre a marca da fabrica e que os recibos ou contas tenham as seguintes palavras «Machina legitima da Companhia Fabril Singer.»

Companhia Fabril Singer

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Pegado ao edificio da Caixa Economica.)

AVEIRO

52—Largo da Praça—53

OVAR

E

Em todas as capitães de districto de Portugal

HOMENAGEM

AO

PARTIDO REPUBLICANO

Um esplendido quadro typographico nitidamente impresso a 12 côres, com o retrato do fecundo evangelizador da democracia portugueza

Dr. Manoel de Arriaga

A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso Brasileira, rua dos Correiros, 440, 1.º; na officina d'encadernador, rua dos Cavalleiros, 33; e em diversas livrarias. Os pedidos devem ser dirigidos a Oliveira & Souza, pateo do Aljube, 5. Lisboa. Preço 500 réis.

**LA ILUSTRACION
MILITAR**

(Revista litteraria, scientifica e artistica)

Este esplendido jornal, dedicado á classe militar, publica-se mensalmente em Madrid, impresso em superior papel de grande formato, com gravuras magnificas de acontecimentos militares, primorosamente executadas por distinctos artistas. Muitos n.ºs são acompanhados d'um supplemento com uma gravura de dupla pagina para album ou quadro e mais duas paginas de leitura amena: cada n.º ordinario contem 16 paginas a 3 columnas de luxuosa impressão, e o n.º do supplemento contem 20 paginas.

Publica em cada n.º pelo menos, 10 gravuras.

Os preços da assignatura em todo o reino de Portugal são os seguintes.

Anno.....	2:300
Semestre.....	1:200
Trimestre.....	600

Não terão valor os pedidos que não venham acompanhados da sua importancia em vales do correio.

Dirigir para subscrever ao Representante, no Porto:

A. A. de Bessa Carvalho
Campo 24 d'Agosto, 138.

**EMPREITADA A
CONCURSO**

Para a construcção de um jazigo de familia no cemiterio da freguezia da Murtosa, recebem-se propostas em casa de Antonio José de Freitas Guimaraes, na Praça de Pardelhas.

Estão patentes, a planta e orçamento todos os dias.

! NOVIDADE!

**Ourivesaria Manu-
factora**

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

José Eduardo Mourão.

Galeria Republicana

Editor e proprietario
JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director—MAGALHÃES LIMA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Quem angariar 10 assignaturas
receberá uma gratis

Lisboa

Anno ou 24 numeros.....	1\$500
Semestre ou 12 numeros....	720
Trimestre ou 6 numeros.....	400
No acto da entrega.....	70
Numero avulso.....	100

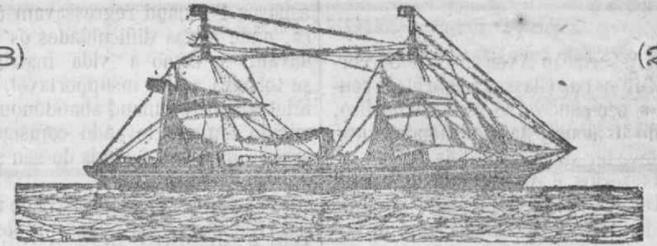
Provincias e ilhas

Anno ou 24 numeros.....	1\$600
Semestre ou 12 numeros....	800
Africa e estrangeiro accrece o im- porte do correio.	
Brazil, anno ou 24 numeros	
(moeda forte).....	3\$000

COMPANHIA

Messageries Maritimes

**LINHA QUINZENAL
DE PAQUETES**



**CARREIRA DO BAZILERIO
DA PRATA—CORREIO FRANCEZ—** Tracta-se em Aveiro, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA PEREIRA, rua de José Estevam, n.º 47 1.º andar.

SERÕES ROMANTICOS

EMPRESA EDITORA—BELEM & C.ª

Lisboa—26, Rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa

MYSTERIOS D'UMA HERANÇA

ULTIMA publicação de Xavier de Montepin, auctor do romance—O FIACRE N.º 13.

1.ª parte—A Herança de Renée.

2.ª parte—Crimes sobre crimes.

3.ª parte—Expição.

Edição ornada com chromos a dez côres e com magnificas gravuras. Cada chromo 10 réis. Um brinde a cada assignante no fim da obra.

Assigna-se em todas as livrarias e no escriptorio da empresa editor. BELEM & C.ª rua da Cruz de Pau, 26, onde se dão os prospectos.

OBRAS POLITICAS

DE
LEON GAMBETTA

Primeiro volume

CARTAS E PROCESSOS

Acha-se á venda em todas as livrarias.—Por assignatura, 300 réis cada volume—Avulso, 400 réis.—Provincia, ilhas, Africa e Brazil, accrece o porte do correio.

No prelo, o segundo volume—O Processo do Baixo Imperio. Todos os volumes são completamente desligados uns dos outros.—retratos de Gambetta, em meio corpo, lytographados em papel especial, 300 réis.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a Alcino Aranha, editor, Rua de Cima da Villa, 23, Porto e em Lisboa F. N. Collares,—Rua da Atalaya n.º 18.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO ANTONIO DE SOUZA
4—Largo da Apresentação—6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

ERNESTO CHARDRON—Editor

NO PRELO

OS RATOS DA INQUISIÇÃO

Poema inedito

DO JUDHU PORTUGUEZ

Antonio Serrão de Castro

PREFACIADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Para entrar brevemente no prelo:

OS BROGAS
ROMANCE

CHRONICA DE UMA FAMILIA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO